

## ***A ditadura espelhada – conservadorismo e crítica na memória didática dos anos de chumbo,*** de Jason Ferreira Mafra

São Paulo: BTA Acadêmica / Liber Livro, 2014.

**André Luís Gabriel**

Mestre em Educação. Professor de história na rede municipal de São Paulo/SP e da Universidade Nove de Julho.  
[aluisgabriel@uol.com.br](mailto:aluisgabriel@uol.com.br)

O livro *A ditadura espelhada – conservadorismo e crítica na memória didática dos anos de chumbo*<sup>1</sup>, de autoria do professor Jason Ferreira Mafra, traz contribuições significativas àqueles interessados na ampla temática educacional, por analisar um tema específico da história brasileira e contextualizá-lo com as profundas transformações sociais ocorridas no período, compreendendo os anos de 1975 a 1999.

Aos interessados e aos inseridos na pesquisa historiográfica e na educacional, esta obra pode (e deve) ser tomada como parâmetro metodológico de construção de uma dissertação-tese, visto que nela estão (na prática) todos os procedimentos teóricos, metodológicos e referenciais nesse âmbito, devidamente demonstrados, pontuados e esclarecidos na parte que concerne à introdução do livro.

Também na prática, o título da obra reflete (e não há trocadilho aqui) aquilo que ao longo do trabalho se mostrará como um dos seus grandes méritos: percepções sobre a autoimagem de cidadãos brasileiros frente à realidade econômica-política-ideológica-cultural-educacional, inserida em um processo de intensas transformações sociais. Utilizando a metáfora do espelho e da imagem de seu duplo-inverso proposta no título e na concepção do trabalho aqui analisado e suscitando questões sobre identidades-alteridades, propõe-se elencar as citadas contribuições.

Tais contribuições inserem-se sob duas perspectivas (reflexos) fundamentais e que, ressalte-se, são aqui adotadas por opção, dados a densidade e o amplo leque de possibilidades de análise suscitadas pela obra. A primeira perspectiva-imagem compreende: (a) o campo editorial do livro didático, sua avaliação institucional e suas implicações nesse âmbito; (b) questões historiográficas e discursivas e as respectivas representações no

livro didático; e (c) o olhar acadêmico e de sua produção em relação ao livro didático. Questões essas, à primeira vista, mais específicas a análises daqueles interessados e identificados com a história e o campo historiográfico por aprofundar aquilo que o autor considera como “coerências das representações sobre a ditadura” e seu reverso “a contradição histórica”, contextos relacionados à categorização do *habitus* (Pierre Bourdieu). As considerações-reflexos propostas pelo autor sob essa ótica remetem a autoimagens da atuação dos professores de história que, por vezes, parecem advir de outros sujeitos sociais que não a de um educador, um intelectual, um agente da cidadania.

Pela ótica da outra possibilidade de perspectiva-imagem, ao tratar a obra sob a luz de um prisma mais amplo, caso das políticas educacionais, o trabalho do professor Jason Mafra suscita uma relação que merece, por parte dos pesquisadores em educação, um olhar mais atento. À medida que a ditadura sofre dissensões e chega ao seu final em meados da década de 1980 e, conforme nos demonstra o autor, alguns hábitos e práticas permanecem nas salas de aulas e nas representações dos livros didáticos, ocorre também uma profunda reformulação das estruturas econômicas no Brasil, submetendo-o à lógica neoliberal. Ao que aqui, nesse momento interessa, percebe-se que o Brasil dos anos de 1990 tem duas frentes de embate quanto às políticas públicas para a educação e às filosofias-metodologias pedagógicas. Tal contexto pode ser melhor compreendido por meio da análise dos embates ocorridos por ocasião da formulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96) promulgada em dezembro de 1996 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais concluídos em 1997.

Em primeira instância, a observação desses embates se dá pelo viés sociológico, sobre a preocupação com “o quê” está sendo ensinado (representado nos livros didáticos, por exemplo), ou seja, sob a perspectiva ideológica e política ao longo do período militar e de redemocratização. Desse contexto decorre uma das possibilidades de aprofundamento suscitadas pela obra e que merece maior reflexão: nos anos iniciais da década de 1990, para além dos currículos, o debate pedagógico mais amplo está centrado nas questões sobre “como” ensinar.

Outro claro mérito do trabalho do professor Jason Mafra reside nas possibilidades que os atuais e futuros pesquisadores têm de aproveitarem eventuais lacunas não preenchidas por conta das opções temáticas

e dos limites que uma dissertação impõem ao resultado da pesquisa. Dentre tais possibilidades, destaca-se aquela que diz respeito à relação entre o contexto de embates pela formulação das diretrizes e políticas educacionais e a posterior prevalência de metodologias pedagógicas como o construtivismo, que pretendem superar aquilo que se criticava como mero “conteudismo” tradicional.

Tal relação e seus resultados, em parte, são analisados e, mais que isso, aparecem como preocupações do autor, pois em dado momento expressam-se na fala de professores que não abordam com profundidade os temas-conteúdos “golpe militar de 1964-ditadura” em suas aulas, com alegações como a que estes aparecem ao final do programa curricular e não há tempo para trabalhá-los devido a outras demandas da escola e da sala de aula.

Finalmente, outro reflexo-imagem que advém desse quadro é o do cotidiano dos professores, sendo espelhado como seu reverso o distanciamento destes em relação aos debates sobre as políticas públicas para a educação, às discussões sobre as propostas curriculares e que parecem ser fundamentais ao professor em geral, e ao de história, no caso deste trabalho: ao do intelectual que produz conhecimento sobre sua área de atuação específica e, em última análise, ao do educador consciente de que as injustiças fruto das contradições sociais, advindas da ordem econômica, tendem a se reproduzir (refletir) no âmbito educacional-cultural-ideológico-político na mesma proporção em que também o professor-educador se submete a tal ordem.

## Nota

- 1 Resultado da pesquisa de mestrado do autor na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) publicado pela *BT Acadêmica/Liber Livro* em 2014. Jason Mafra é doutor em educação pela USP, docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE) e diretor do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) nesta mesma Universidade.